

## **A REALIDADE SOCIAL DO MERCOSUL**

*César Lopes Júnior*

Ao mencionarmos a globalização, a regionalização, os mercados integrados, os blocos econômicos e tudo o que diz respeito a este assunto, talvez sejam muitas as dúvidas em relação ao futuro de tais fenômenos.

As dúvidas surgem não por tratarem-se tais fenômenos de grandes novidades, mas sim, em virtude da grande amplitude e divulgação que os processos de integração assumem nos dias de hoje. O pior é que na grande maioria das vezes somos parte atuante dos referidos processos sem dar-nos conta disto. As informações obtidas por grande parte das pessoas são transmitidas por autores, diplomatas e políticos, e contém “verdades irrefutáveis”, tais como a irreversibilidade dos processos de integração e a consolidação dos mesmos por meio de fortes laços econômicos.

Contudo, o mais importante não é discutirmos fatos, como as verdades supramencionadas, mas sim, entendermos, qual é nosso patamar neste processo de integração, especificamente falando de Mercosul, e ainda tentarmos não incorrer no brutal erro denominado aproveitamento de modelo. Quero com isto dizer que o Mercosul é ainda um embrião, frágil e enfrentando problemas básicos relativos as economias particulares dos países formadores, uma vez que, estes encontram-se em desenvolvimento e fazem um esforço sobrenatural para convencer a si mesmos e aos investidores estrangeiros de sua confiabilidade. Em meu modesto entendimento, a estrutura empresarial e financeira do Mercosul é a que está mais perto de entender-se consolidada, e ainda assim, não podemos acreditar que possuímos um processo de integração pelo simples fato de Brasil e Argentina, possuidores de toda uma história de desencontros e desconfianças que sempre pairaram sobre suas relações diplomáticas ou não, terem descoberto que a integração é o único caminho para o desenvolvimento econômico, político e social e também a única possibilidade de inserção de ambos no cenário internacional como pertencentes ao clube das grandes economias do mundo contemporâneo.

Não é porém, minha intenção o tema econômico, assim ficam salientados os problemas relativos a este tema, e seguimos às demais considerações sobre o Mercosul e sua possível realidade social, política e jurídica.

Me parece bastante vaga a idéia quase unânime de sucesso e solidez deste bloco econômico formado por Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai, pois, tratam-se de estudos setoriais, isto é, parciais, que não permitem concluir absolutamente nada de forma concreta e profunda. Muito importante deixar claro que não possuo qualquer preconceito em relação aos processos de integração, mesmo porque, seria muito cedo para possuí-lo.

Já é possível perceber que a parte primária e fundamental dos processos de integração passa pelo econômico, promovendo uma maior expansão de seus membros, contudo, a consolidação de todo o processo está muito longe de ocorrer, pois depende de uma série de fatores aos quais faremos referência a seguir.

Por exemplo se falamos de uma consciência social, política e jurídica do Mercosul, o que encontramos é um total desajuste no tangente às opiniões manifestadas pelas partes envolvidas. Em verdade, os empresários e até mesmo políticos e diplomatas sentem de forma manifesta total confiança no processo de integração denominado Mercosul, o que é totalmente normal, mas tal otimismo dá-se de forma descompromissada, uma vez que os mesmos não conseguiram ainda enfrentar os reais problemas que seguramente irão travar as próximas fases do processo de integração. Ainda é necessário frisar que o segmento político atua em muitas questões como se não fizesse parte do Mercosul.

Finalmente mencionaremos o segmento social, a população, onde uma minoria entende com clareza o que está ocorrendo, e a maioria tem muitas vezes opiniões distorcidas veiculadas pelos meios de comunicação, o que dificulta tudo.

As principais questões que me imponho são a real existência de uma crise no processo de integração e qual a importância e o verdadeiro papel da diplomacia na formação de uma consciência sócio-política do Mercosul, se for esta uma realidade possível.

Tentando responder as muitas perguntas propostas, devemos ir ao universo da chamada “sociologia do conhecimento”, onde nos deparamos com o estudo das realidades, as realidades construções sociais, abarrotadas de artificialidades, mas aceitas com simplicidade e naturalidade. Sendo mais claro, Samuel Huntington quando fala de choques das civilizações, talvez quisesse dizer choques de realidades. Tais realidades, que chamaremos de realidades “*sui generis*”, são seguramente a causa dos maiores problemas e também as maiores soluções para os processos de integração e porque não dizer para a própria globalização como um todo.

Para Willian James<sup>1</sup> em seus “Principles of Psychology”, a realidade mencionada significa uma relação com nossa vida emocional e nossas atividades, isto é, real é tudo o que está de certa forma relacionado conosco. Desta forma, para grande maioria das pessoas, tudo aquilo, ainda que fruto de nossa própria criação, ainda que simplesmente objeto mentalizado, é real até que seja contestado.

Já Alfred Shutz<sup>2</sup>, informa que somos induzidos muitas vezes a aceitar como naturais, desprovidas de qualquer artificialidade, realidades totalmente artificiais. Isto pode ocorrer no sentido de modificarmos nossas atitudes para uma outra forma de entendimento, ou no sentido de fortalecermos ainda mais a ou as realidades já existentes fazendo com que estas se tornem densas.

No âmbito sociológico, que seguramente nos interessa mais que o individual, devemos entender por meio de que processo as realidades “*sui generis*” sedimentam-se. Compõe-se o processo de três momentos básicos, o primeiro chama-se interiorização, seguido da objetivação que termina em uma exteriorização.

Estes momentos em regra estão ordenados conforme mencionamos, contudo, tal estrutura somente observa-se ordenada e dividida teoricamente, pois, na sociedade os processos de interiorização podem ocorrer simultaneamente aos de objetivação e exteriorização.

---

<sup>1</sup> JAMES, WILLIAN – Principios de psicología – Madrid, s.d.

<sup>2</sup> SCHUTZ, ALFRED – El Problema de la Realidad Social – Amorrortu Editores – Buenos Aires.

Na interiorização se estabelece umnexo entre o indivíduo e a sociedade que o cerca, ocorre a identificação dos indivíduos entre si, e com o seu grupo. A criança, por exemplo, interioriza, se apropria das realidades de seu grupo, e assim identifica-se com o mesmo. A identificação com o grupo social é fundamental para a estabilidade e continuidade de auto-identificação de todos os seres humanos. Em verdade, o processo de interiorização é muito complexo, as realidades que nos são passadas neste, são, as vezes, muito densas e artificiais, contudo aceitamos sem problematizar, buscando uma identidade.

Desta interiorização decorre o chamado “saber próprio”, este é indiscutível, irrefutável, inquestionável. Como exemplo, poderíamos citar o idioma, o qual é aprendido pelos seres humanos, com toda naturalidade, sem que estes dêem-se conta de sua complexidade e artificialidade.

A objetivação e exteriorização, também constroem “realidades”, pois, estas ao serem externadas e objetivadas podem confirmar-se por não encontrarem oposição, ou simplesmente encontrarem-se próximas à realidade objetiva. Pode, todavia a realidade externada e objetivada encontrar grande oposição, incompatibilidade com outros conhecimentos, gerando o “saber crítico”, a parte do conhecimento que nos faz contestar as “realidades”, e que pode a curto ou longo prazo gerar substituição de uma realidade por outra, modificação das realidades, ou ainda confirmação e fortalecimento da realidade já existente.

Porém, o processo de interiorização dura toda a vida do indivíduo, dando causa muitas vezes a conflitos internos de realidades, posto que , outras vão sendo interiorizadas, e podem ser conflitantes com as já interiorizadas .

Como já dissemos as realidades “sui generis”, fruto da interiorização primária, formadoras do “saber próprio”, são incontestáveis, dificilmente serão alteradas ou contestadas, enquanto o “saber crítico”, fruto de exteriorizações e objetivações, nos faz contestar, questionar o conhecimento. Vale salientar que o “saber próprio” e o “saber crítico” estão contato constante, somente separando-se para efeito de estudo.

Assim podemos dizer que as realidades “sui generis” são convicções , nem sempre possuidoras de correspondência com a realidade objetiva, mas que surgem como construção social, fruto da acomodação, da interação entre o “saber próprio” e do “saber crítico”. Tais realidades “sui generis” são vividas com naturalidade, não sendo perceptíveis suas artificialidades, são inquestionáveis, irrefutáveis, suspendendo a capacidade de questionamento em relação a si mesmas, pois, já são produto de um raciocínio extremamente complexo, instalando-se nos seres humanos como verdades reais.

Muito importante é o fato de que as realidades no contexto social podem ser múltiplas dentro de um mesmo grupo, de um mesmo Estado, de uma mesma civilização, o que serve de fator aglutinante, de identificação, de distinção destes pequenos e grandes grupos sociais em relação a outros.

Voltando, após este breve entendimento das realidades, às questões levantadas sobre o futuro do Mercosul, tentemos identificar referidas realidades e sua importância neste processo de integração. Especialmente as realidades muito densas estabelecidas entre Brasil e Argentina, e que vão seguramente dificultar a concretização desta proposta de integração.

Seguramente existe algo que não está tendo a atenção devida por parte daqueles diretamente envolvidos. Penso que o tema das realidades, especificamente Brasileira e Argentina corresponde a este algo más, que está sendo deixado de lado.

Apenas como comentário, sem intuito histórico, Brasil e Argentina, sempre tiveram uma relação de conflitos e uma atuação diplomática que acarretou o surgimento de algumas crenças de intelectuais e porque não dizê-lo, das populações, de que o Brasil sempre tirou vantagens das negociações não tratando-se, portanto, de um país irmão, até que os argentinos tenham provas cabais disto. Tais crenças tiveram como consequência uma sensação de constante desconfiança, facilmente observada por exemplo no livro *“Pasado, presente y futuro de la política exterior argentina”* de Guillermo Miguel Figari<sup>3</sup> no qual mostra-se a todo tempo a desconfiança argentina em relação aos negócios propostos pelo Brasil, o que nos faz notar a dúvida existente sobre os interesses brasileiros pelas políticas aplicadas.

Em 1997, tivemos problemas com relação às modificações no Conselho de Segurança da ONU, situação em que o Governo Argentino posicionou-se totalmente contrário a colocação do Brasil como membro permanente.

Atualmente as políticas protecionistas de ambos os países, colocam-nos a dúvida, estarão realmente com interesses comuns de integração e fortalecimento mútuo, ou estarão Brasil e Argentina disputando o mando disto que chamam Mercosul.

As crises vividas nas relações entre os dois países seguramente vão ser diplomaticamente solucionadas sem que cheguemos a situações mais sérias. Mas a verdadeira questão se instaura neste ponto, pois, todas as situações de rivalidade e até mesmo de conflito que existiram entre Brasil e Argentina contribuíram para a formação de realidades muito densas nas duas nações, e como realidades “sui generis”, não se ajeitam, ou simplesmente deixam de existir com a celebração de um tratado ou acordo de integração.

Referidas realidades foram sendo formadas em um primeiro momento dentro de uma atmosfera diplomática e governamental, mas estas foram por meio da mídia difundindo-se entre as populações.

Vale dizer, hoje em dia, ainda que seja retrógrado, “anti-Mercosul”, é necessário admitir que tanto a população brasileira, quanto a argentina, estão formadas em uma realidade “sui generis” de rivalidade, de competição, a ponto de verem-se como uma ameaça, talvez um pouco mais forte do lado argentino, dada a superioridade populacional brasileira, ainda que isto não tenha nenhuma influência direta na densidade das realidades, pois nem sempre as realidades “sui generis” têm correspondência com a realidade objetiva.

É muito interessante observar o tratamento de tabu dado a este tema, pois, inaceitável é a idéia, pelo menos no meio culto, de que os brasileiros sentem-se rivais dos argentinos ou vice-versa.

O importante não é chegarmos a uma grande conclusão sobre este assunto, dada principalmente a juventude do Mercosul e de alguns outros processos de integração que

---

<sup>3</sup> FIGARI, GUILLERMO MIGUEL – *Passado, presente e Futuro de la política exterior argentina – editorial Biblos. Buenos Aires.*

passam e passaram por problemas semelhantes, mas sim, a intenção é justamente trazer de forma responsável e não fanfarrona o tema da globalização, e mais especificamente do Mercosul, fazendo perceptível e compreensível a idéia de que os processos de integração e unificação têm em seu caminho uma tarefa que vai além do aspecto econômico, do militar, da assinatura de tratados de cooperação, da tecnologia, etc, a tarefa de lidar com as áreas de contato entre as realidades, áreas estas que podem ser de intercâmbio, aceitação, compatibilidade, rivalidade ou até mesmo, em casos extremos, de conflito.